

RELAÇÕES ENTRE FATORES ACADÊMICOS E A SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DO IFRR/CAMPUS BOA VISTA ZONA OESTE

Francimeire Sales de Souza ¹
Aldaires Aires da Silva Lima ²
Hudson do Vale de Oliveira ³

RESUMO

O estudo das relações entre Fatores Acadêmicos e Saúde Mental dos Estudantes dos Cursos Técnicos Integrados do *Campus* Boa Vista Zona Oeste do IFRR objetivou analisar as relações entre ansiedade, depressão e estresse com a qualidade das vivências acadêmicas estabelecidas durante o primeiro ano de ingresso nos cursos técnicos, a partir da compreensão da relação entre adoecimento e fatores acadêmicos e sua interferência no processo de aprendizagem dos estudantes, visando à reflexão sobre possíveis estratégias que favoreçam experiências acadêmicas mais positivas com foco no êxito escolar. A pesquisa teve como base teórica os estudos que possibilitam maior compreensão acerca da crença de “Autoeficácia”, conceito defendido pelos autores Valdebenito (2017), Sousa, Bardagi e Nunes (2013) e Pocinho e Capelo (2009). Trata-se de uma pesquisa básica de natureza qualitativa, com abordagem de caráter descritivo, caracterizada como um estudo de caso. Foi aplicado um questionário que obteve como retorno 20% dos estudantes regularmente matriculados no 1º ano dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, no período letivo de 2021. A pesquisa contemplou questões relacionadas à: Caracterização sociodemográfica e acadêmica; Comportamentos de saúde; Histórico de saúde mental; e Percepção de vulnerabilidade em saúde mental. Analisou-se que 33,3% dos estudantes procuraram ajuda psicológica ou psiquiátrica no último ano e 16,7% fizeram acompanhamento psicoterápico ou psiquiátrico. E, ainda, 38,9% possuem histórico familiar de Transtornos Mentais e 50% indicaram que as atividades desenvolvidas na condição de estudante no IFRR, afeta a saúde mental de seus colegas, e, 22,2% assinalaram que as atividades desenvolvidas afetam a própria saúde mental. Dessa forma, compreende-se a relevância desse estudo para a discussão da política de assistência psicossocial aos estudantes que ingressam nos cursos técnicos ofertados em regime integral no IFRR, considerando o contexto social e familiar que os estudantes possuem, assim como analisar como a rotina escolar pode acentuar a saúde mental destes.

Palavras-chave: Aprendizagem, Educação Profissional, Saúde Mental.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) / *Campus* Boa Vista Zona Oeste (CBVZO), francimeireissouza@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) / *Campus* Boa Vista Zona Oeste (CBVZO), aldares.lima@ifrr.edu.br

³ Doutor em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) / *Campus* Boa Vista Zona Oeste (CBVZO) e do Programa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) - Pólo IFRR / *Campus* Boa Vista (CBV), hudson.oliveira@ifrr.edu.br

INTRODUÇÃO

O ingresso do estudante no primeiro ano do Ensino Médio é uma mudança que implica num processo de amadurecimento da vida adulta que, associado às demandas acadêmicas do Curso Técnico Integrado, implica em aspectos característicos do desenvolvimento de dois currículos (Ensino Médio e Curso Técnico), tais como o volume da carga horária de estudo, as cobranças relativas às atividades acadêmicas, a adaptação ao novo contexto acadêmico e social, com necessidade de adaptações das rotinas de sono, organização de tempo e estratégias de estudo, além de outros fatores que independem do convívio escolar, os quais dizem respeito às vivências familiares e pessoais estabelecidas pelos estudantes.

Com base nos dados extraídos do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), módulo ETEP, com relação aos atendimentos realizados aos ingressantes nos cursos técnicos do *Campus*, no ano de 2020, 100% dos estudantes atendidos pela Equipe Técnico-Pedagógica foram encaminhados para atendimento da psicologia escolar com demandas relacionadas ao impacto das adaptações emocionais a rotina de estudos no contexto de formação profissional em regime integral. Dessa forma, a pesquisa possuiu a seguinte problemática: Quais as relações entre ansiedade, depressão e estresse com a qualidade das vivências acadêmicas estabelecidas durante o primeiro ano de ingresso nos cursos técnicos?

Nesse sentido, o objetivo geral do estudo foi analisar as relações entre ansiedade, depressão e estresse com a qualidade das vivências acadêmicas estabelecidas durante o primeiro ano de ingresso nos cursos técnicos. Como objetivos específicos foram definidos: a) Compreender como a relação entre adoecimento e fatores acadêmicos pode interferir no processo de aprendizagem dos estudantes dos cursos técnicos integrados; e b) Levantar os anseios dos estudantes visando à reflexão sobre possíveis estratégias que favoreçam experiências acadêmicas mais positivas visando o êxito escolar.

METODOLOGIA

O estudo em questão tratou-se de uma pesquisa básica de natureza qualitativa, com abordagem de caráter descritivo. Nessa perspectiva, Minayo (2013, p. 26) refere-se à pesquisa qualitativa a partir da divisão do trabalho científico em três etapas, sendo elas, a fase exploratória; o trabalho de campo; a análise e o tratamento do material empírico e documental.

Os procedimentos metodológicos a caracterizaram como um estudo de caso que, de acordo com Lüdke e André (2015), se desenvolve de maneira natural, com ricos dados descritivos, decorrentes de um plano aberto e flexível que focaliza a realidade de forma contextualizada e complexa.

A coleta de dados respeitou todos os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, sendo submetida à Plataforma Brasil para apreciação pelo Comitê de Ética. Dessa forma, foi realizada a partir da autorização dos pais/responsáveis por estudantes menores de idade, por meio da assinatura destes no/do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), mantendo o direito de o estudante optar ou não pela participação na pesquisa, inclusive a qualquer tempo.

A aplicação do questionário obteve, como amostragem, 20% dos estudantes regularmente matriculados no 1º ano dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, no período letivo 2021. Ressalta-se que esse baixo percentual se deve em razão das dificuldades de contato com o público-alvo em função do desenvolvimento das atividades não presenciais.

O questionário foi aplicado utilizando-se do recurso do *Google Forms* e contemplou questões relacionadas à: I) Caracterização sociodemográfica e acadêmica; II) Comportamentos de saúde (hábitos e práticas de promoção de saúde); III) Histórico de saúde mental (para identificar se o estudante possui histórico de adoecimento de saúde mental); e IV) Percepção de vulnerabilidade em saúde mental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

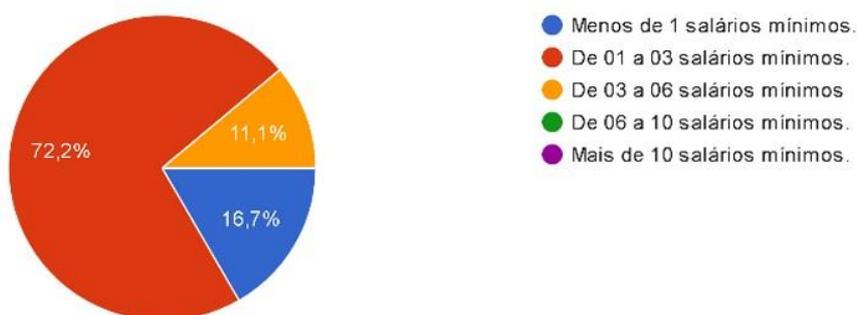
Acerca da caracterização sociodemográfica e acadêmica destaca-se que 89% dos participantes são estudantes do Curso Técnico Integrado em Serviços Públicos e 11% do Curso Técnico Integrado em Comércio. Destes, 90% aceitaram participar e 10% não aceitaram participar da pesquisa. Dos participantes, 38,9% tem 15 anos e 61,1% 16 anos; destes, 83,3% são do sexo feminino e 16,7% são do sexo masculino. Dos participantes que responderam a pesquisa, 66,7% são pardos, 22,2% brancos e 11,1% são pretos. Todos são solteiros e não possuem filhos.

Ao serem questionados se houve a necessidade de mudança de domicílio para estudarem no IFRR/*Campus* Boa Vista Zona Oeste, 77% dos participantes responderam que sim. No entanto, chama atenção que 22% responderam que sim, mesmo em período pandêmico.

Dos participantes, a maioria reside com os pais (94%) e apenas 6% residem com outros familiares. É possível observar que a necessidade da mudança de local de residência pode ter ocorrido em razão da falta de oferta do ensino técnico integrado ao ensino médio, nos municípios de origem dos estudantes ou, também, em razão das aulas ainda estarem sendo realizadas por meio de atividades não presenciais. Enfatiza-se que essa necessidade de mudança de domicílio pode implicar (ou ter implicado) em questões relacionadas à saúde mental dos estudantes.

Conforme a Figura 1, a pesquisa aponta que maior parte dos participantes (83,3%) possui uma renda igual ou superior a um salário mínimo, enquanto os estudantes de baixa renda, ou seja, menos de um salário mínimo, correspondem a 16,7%.

Figura 1. Renda familiar dos participantes

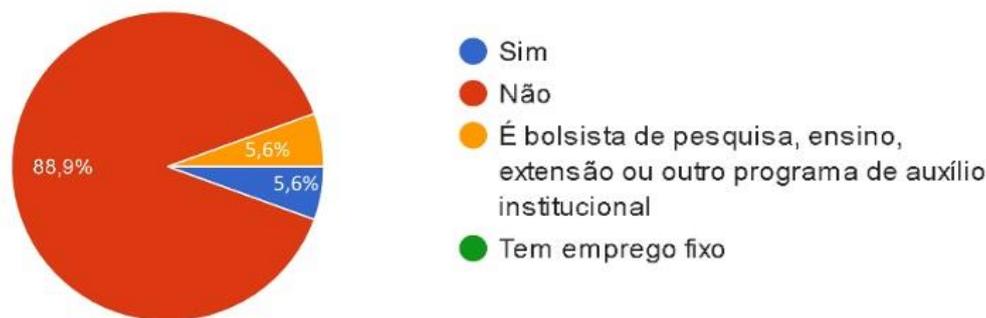


Fonte: Dados da Pesquisa.

No aspecto relacionado à renda, é importante destacar a importância das políticas de assistência estudantil adotadas pelo IFRR, em especial a destinação de bolsas e de projetos que facilitem o acesso a permanência e contribuam para o êxito dos estudantes, sobretudo viabilizando as condições de aprendizagem destes.

Ao serem questionados sobre o exercício de atividade remunerada, identificou-se, conforme Figura 2, que a maioria dos participantes não possui uma renda fixa e não desenvolve nenhuma atividade paralela ao curso (88,9%). No entanto, existe uma pequena percentagem de estudantes (5,6%) que sinalizou ter uma renda fixa, assim como o mesmo percentual (5,6%) indicou ser bolsista de pesquisa, de ensino, de extensão ou de outro programa institucional, desenvolvendo, portanto, ainda que institucionalmente, uma atividade remunerada.

Figura 2. Exercício de atividade remunerada

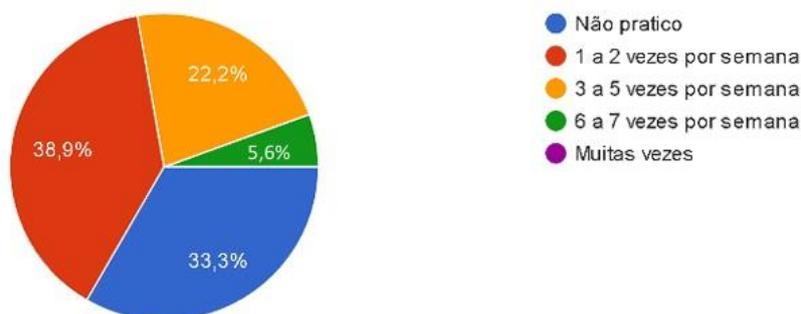


Fonte: Dados da Pesquisa.

Esses resultados, de certa forma, demonstram que ainda é pequena a participação de estudantes do 1º ano em programas institucionais, com bolsa, assim como é preocupante o exercício de outras atividades remuneradas por estudantes que ingressam no ensino técnico integrado ao ensino médio, haja vista o volume de atividades escolares, em especial num período de pandemia, em que os estudantes ingressantes no período letivo 2021 foram privados das aulas presenciais.

Sobre os comportamentos de saúde (hábitos e práticas de promoção de saúde), ao serem questionados acerca da participação em atividades físicas, 33,3% informaram que não praticam nenhuma atividade, conforme Figura 3.

Figura 3. Prática de atividades físicas

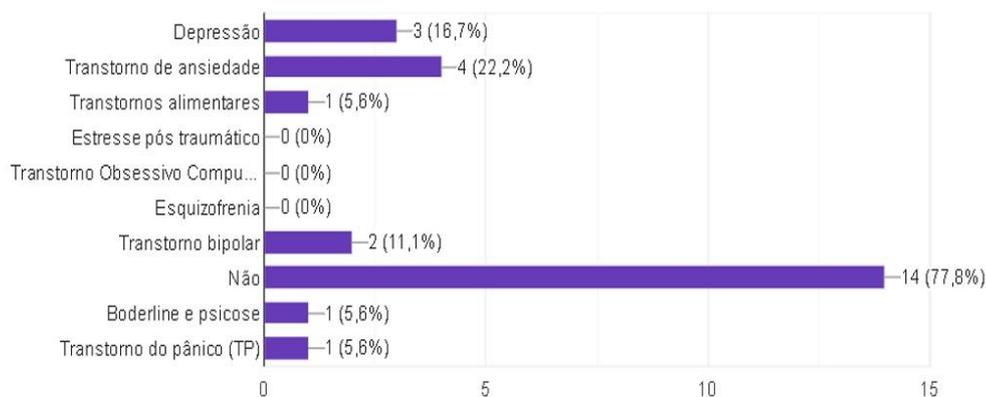


Fonte: Dados da Pesquisa.

É importante frisar que este resultado pode ter sido influenciado pelo período de pandemia, embora a realização de atividades físicas já estivesse, à época da realização do estudo, liberada. Entretanto, com o retorno das aulas presenciais, identificou-se a importância do IFRR/*Campus* Boa Vista Zona Oeste estimular a prática de exercícios físicos para que os estudantes não se sentissem sobrecarregados e não desenvolvessem

doenças psicológicas ou físicas, que causam impacto na sua vida acadêmica e na qualidade de vida, haja vista, por exemplo, os resultados demonstrados na Figura 4.

Figura 4. Histórico de saúde mental antes de ingressar no IFRR



Fonte: Dados da Pesquisa.

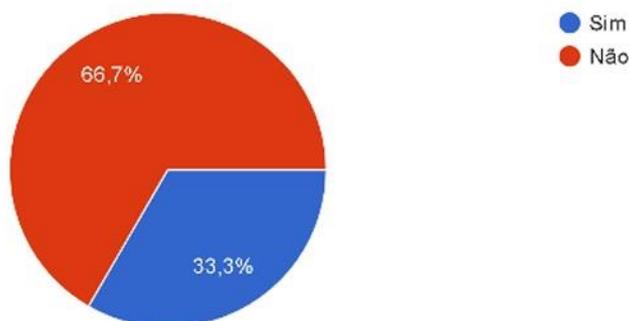
Assim, analisando o histórico de saúde mental, com o intuito de identificar se o estudante possui histórico de adoecimento de saúde mental, percebeu-se que existe um percentual elevado de estudantes que já apresentavam transtornos antes de seu ingresso no *Campus*. Nesse sentido, destaca-se a importância do trabalho da equipe multiprofissional da assistência estudantil que atua no desenvolvimento de atividades voltadas à saúde mental, desde o seu ingresso no Curso Técnico Integrado até a sua finalização. Ressalta-se que, para essa pergunta, os estudantes puderam sinalizar mais de uma alternativa.

Valdebenito (2017) aborda que estudos demonstram que a autoeficácia, ou seja, a crença dos estudantes sobre a sua própria competência, influencia, de certa forma, sobre a saúde mental, assim como a própria capacidade individual para lidar com todas as demandas acadêmicas. Os níveis baixos de autoeficácia, segundo a autora, estão relacionados às dificuldades pessoais, como emoções negativas, instabilidade emocional, ansiedade e aflição.

Ao serem questionados sobre a busca de apoio profissional para tratamento psicoterápico ou psiquiátrico no último ano, apenas 33,3% dos que foram acometidos por algum problema de saúde mental informaram ter buscado auxílio especializado, de acordo com a Figura 5, o que reforça a importância da equipe multiprofissional mencionada anteriormente, inclusive no sentido de fazer os encaminhamentos

necessários para atendimento desse percentual elevado que informou não ter procurado auxílio.

Figura 5. Procura de ajuda profissional para tratamento psicoterápico ou psiquiátrico no último ano



Fonte: Dados da Pesquisa.

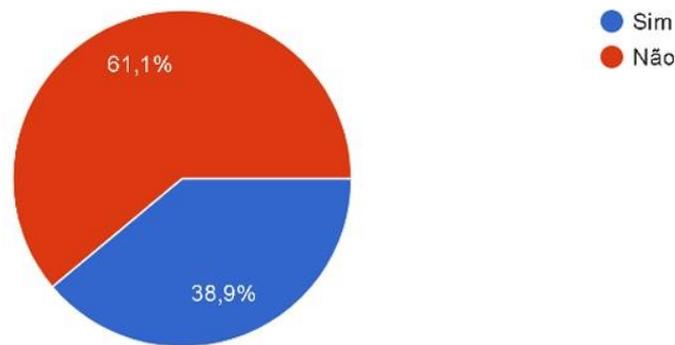
Portanto, constatou-se que o número de estudantes que procurou apoio especializado foi inferior ao que não procurou ajuda, o que causa um alerta para que os servidores e os pais ou familiares identifiquem internamente o comportamento destes jovens para que essa falta de procura não esteja relacionada, por exemplo, ao medo ou à vergonha de buscar ajuda profissional, sobretudo porque ao responderem a pergunta seguinte, acerca da realização de acompanhamento psicoterápico ou psiquiátrico, apenas 17% do total dos estudantes informaram que realizam acompanhamento.

À luz desses apontamentos, ratifica-se que, mesmo que exista um trabalho que é realizado pelo Instituto Federal voltado para pessoas portadoras de transtornos mentais, cabe aos responsáveis efetivar o acompanhamento clínico por profissionais externos, para que todo o progresso realizado pelo profissional disponibilizado pelo *Campus* não seja anulado pela falta de suporte familiar.

Enfatiza-se que essa parceria, inclusive, para além de denotar a responsabilização da família junto aos seus filhos, por exemplo, reforça a parceria que deve sempre existir entre a família e a escola no percurso formativo dos estudantes, o que se potencializa quando se trabalha com estudantes do ensino médio e, principalmente, na modalidade integrada.

Também foi questionado dos participantes se na família havia histórico de pessoas portadoras de transtornos mentais; sobre essa pergunta, 38,9% apontaram a existência desse histórico familiar, conforme Figura 6.

Figura 6. Histórico familiar de transtornos mentais

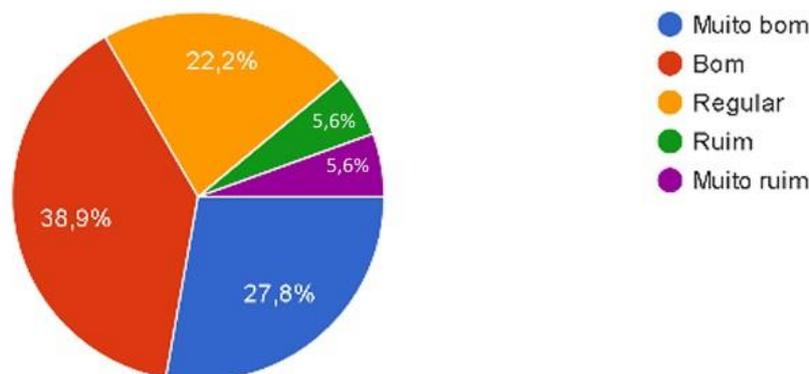


Fonte: Dados da Pesquisa.

Constatou-se, dessa forma, que é possível que este resultado tenha se desdobrado nos resultados que foram apresentados na Figura 4, na qual evidenciou-se que existe um percentual elevado de estudantes que já apresentavam transtornos antes de seu ingresso no *Campus*.

Sobre a percepção de vulnerabilidade em saúde mental, ao serem indagados sobre como classificam o relacionamento com as pessoas com quem moram, 33,4% dos estudantes indicaram ter uma convivência entre regular e muito ruim, conforme Figura 7.

Figura 7. Classificação do relacionamento com as pessoas com quem residem

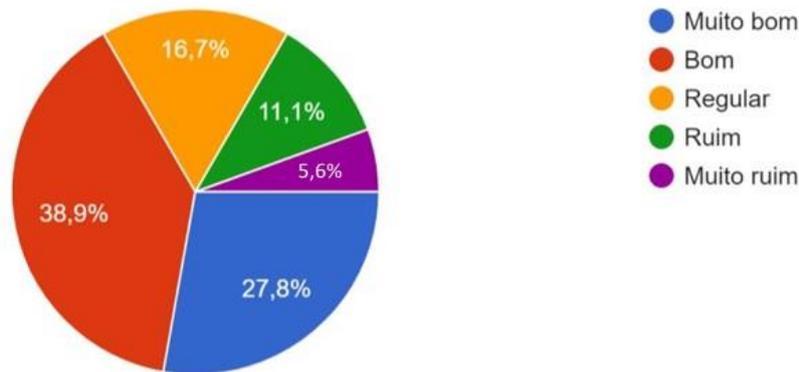


Fonte: Dados da Pesquisa.

Frisa-se que é importante um ambiente familiar estabilizado para que o estudante tenha mais facilidade no aprendizado e que não existam conflitos internos que tirem o foco de suas atividades acadêmicas, pois um ambiente familiar conturbado pode interferir nas rotinas de estudo, sono e no aprendizado do estudante, o que pode, inclusive, já ter ocorrido e se desdobrado nas respostas contidas na Figura 8, na qual o

mesmo percentual de estudantes (33,4%) sinalizou que o clima do ambiente familiar encontra-se entre regular e muito ruim.

Figura 8. Classificação em relação ao ambiente familiar



Fonte: Dados da Pesquisa.

Pocinho e Capelo (2009) discorrem que pessoas com altos níveis de autoeficácia, geralmente, são tendenciosas a aplicar estratégias mais ativas de lidar de maneira diferente com os acontecimentos da vida, baseadas em ações e em novas avaliações cognitivas proativas, provocando em menor vulnerabilidade ao estresse.

Nesse sentido, quando os estudantes foram questionados sobre como as atividades desenvolvidas na condição de estudante no IFRR afeta a saúde mental de seus colegas, 50% responderam que às vezes acha que afeta e às vezes, não, 44,4% responderam que não afeta e 5,6% que afeta pouco (Figura 9).

Figura 9. Impacto das atividades do IFRR na saúde mental de seus colegas



Fonte: Dados da Pesquisa.

Por outro lado, quando questionados se as atividades desenvolvidas na condição de estudante no IFRR afetam a saúde mental deles próprios, 5,5% disseram que afeta

totalmente, 16,7% que afeta pouco, 22,2% responderam que às vezes acha que afeta e às vezes, não, e 55,6% responderam que não afeta (Figura 10).

Figura 10. Impacto das atividades do IFRR na própria saúde mental



Fonte: Dados da Pesquisa.

Esses resultados tendem a demonstrar que os estudantes entendem que as exigências impostas a eles, no que se refere ao cumprimento das atividades escolares, tais como cobranças na adaptação a um novo contexto social e acadêmico, regulação de rotinas de estudo e de sono, cobranças às atividades acadêmicas, etc., afetam ou podem afetar na saúde de seus colegas e na sua própria saúde.

Para Sousa, Bardagi e Nunes (2013), as crenças de autoeficácia estão relacionadas direta e indiretamente com a saúde mental. O autor cita que as crenças de autoeficácia podem tanto beneficiar quanto atrapalhar as formas de enfrentar barreiras, assim como serão decisivas no processo de resiliência do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que os resultados da pesquisa, os quais demonstram as relações entre fatores acadêmicos e a saúde mental dos estudantes dos Cursos Técnicos Integrados do *Campus* Boa Vista Zona Oeste do IFRR, possibilitem à gestão do *Campus* compreender as relações entre ansiedade, depressão e estresse com a qualidade das vivências acadêmicas, uma vez que a relação entre adoecimento e fatores acadêmicos interfere no processo de aprendizagem dos estudantes.

Logo, a promoção dessa reflexão possibilitará vislumbrar possíveis estratégias que favoreçam experiências acadêmicas mais positivas com a finalidade do êxito escolar, a partir da melhoria da política de assistência psicossocial aos ingressantes nos

cursos técnicos ofertados em regime integral no IFRR, considerando o contexto social e familiar que os estudantes possuem.

Assim, a promoção de ações que contribuam para a adaptação escolar e para a redução das incidências de adoecimento mental dos estudantes pode contribuir para maior aproveitamento escolar, reduzindo os índices de retenção e de evasão. Acredita-se, ainda, que o estudo pode servir como referência para outras instituições de ensino que visam realizar estudo semelhante e rever suas políticas de assistência psicossocial.

REFERÊNCIAS

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. – Petrópolis: Vozes, 2013.

POCINHO, Margarida; CAPELO, Maria Regina. Vulnerabilidade ao stress, estratégias de coping e autoeficácia em professores portugueses. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 351-367, maio/ago., 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/dcgj8fMDddhGq6BC6TwkLqD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 out. 2024.

SOUSA, Heloiza de; BARDAGI, Marucia Patta; NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva. Autoeficácia na formação superior e vivências de universitários cotistas e não cotistas. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n. 2, p. 253-261, 2013. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v12n2/v12n2a16.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2024.

VALDEBENITO, María Andrea Borzone. Autoeficacia y vivencias académicas en estudiantes universitarios. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 20, n. 1, p. 266-274, 2017. Disponível em: <<https://actacolombianapsicologia.ucatolica.edu.co/article/view/1081/1240>>. Acesso em: 15 out. 2024.